



Semanario Monarquico-Integralista  
(Literario e Noticioso)  
Orgão e propriedade da J. M. Integralista local  
Redacção e Administração:  
AVENIDA DO COMERCIO



VISITACÃO  
Pardiez! siete arrepelones  
Me pegaron á la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascones  
VÁQUEIRO

Director, D. José Ferrão  
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães  
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira  
(a quem deve ser dirigida toda a correspondência)

Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE  
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIRSO

## Carta dum velho a um novo

Meu jovem camarada e amigo—  
Pede-me V. um artigo para o seu  
jornal *A Restauração*. Esse pedido  
eu o agradeço e me apresso a satisfa-  
zê-lo porque o considero um teste-  
munho de solidariedade e de sym-  
pathia prestado pela sua valorosa e  
combativa geração, que é a gera-  
ção dos meus netos, á encanecida  
e aposentada geração a que eu  
pertencço.

A orientação mental da mocida-  
de contemporânea comparada á  
orientação dos rapazes do meu  
tempo estabelece entre as nossas  
respectivas cerebrações uma diffe-  
rença de nível que desloca o eixo  
do respeito na sociedade em que  
vivemos, obrigando a elite dos ve-  
lhos a inclinar-se rendidamente á  
elite dos novos.

Em face da batalha de senti-  
mentos e de ideias no conflicto  
portuguez dos nossos dias entendo  
que á ala dos veteranos cabe o  
dever marcial de apresentar as  
suas antigas armas a essa nova ala  
de namorados, que se não batem  
já pelo precíval prestigio da sua  
dama mas pela belleza imortal da  
sua convicção, e batem-se não em  
combate fortuito de torneio de ga-  
la, mas em pugnas regulares e su-  
cessivas em que quotidianamente  
arriscam os seus interesses, a sua  
liberdade e a sua vida os redacto-  
res dos modernos jornais monar-  
quicos e os de publicações periodi-  
cas de tão consideravel importan-  
cia phylosophica e educativa como a  
*Lusitania*, a *Nação Portuguesa*,  
*Aqui d'El-Rei*, os *Cadernos de Ma-  
riotte*, a *Alma Portuguesa*, a *Crô-  
nica Política*, a *Entrevista*, etc.

A incontestavel superioridade  
d'essa pleiade estudiosa consiste  
em ter admiravelmente presenti-  
do a necessidade culminante da  
reeducação integral do povo por-  
tuguez.

Combater apenas o analfabetis-  
mo do povo por meio de escolas  
primarias e de escolas infantis  
sem religião e sem Deus, não é  
salvar uma civilização, é derrui-la  
pela base por meio do pedantismo  
da incompetencia, da materialisa-  
ção dos sentimentos e do envena-  
mento das ideias. Quem ignora  
hoje o que foi a perseguição reli-  
giosa e o dominio mental da es-  
cola laica que retalhou e fraccio-  
nou em França a alma da nação?  
Quem é que nesse tão amado, tão  
generoso e tão atribulado paiz  
não está vendo hoje objectivar-se  
praticamente o prophético aphorismo  
de Le Bon: E' sobretudo depois  
de destruidos os deuses que se  
reconhece a utilidade deles!

Quanto é commovente e ilucida-  
tivo comparar as nossas modernas  
instituições com o quadro da evo-  
lução da terceira republica franceza  
ainda ha pouco delienado por  
Paulo Bourget, o eminente pensa-  
dor de quem disse Anatole Fran-  
ce: "Ele é o mais phylosopho de  
todos nós."

"Como não cotejar—escrevia  
muito recentemente Bourget—o  
programma da terceira republica,  
idealizado por tantos patriotas sin-  
ceros, com o quadro da nossa pre-  
sente decadencia! Um parlamento  
tão impotente como deshonrado; a  
perseguição religiosa alternativa-

mente a mais brutal e a mais hy-  
pocrita; um corpo de mestres en-  
venenando as gerações novas, essa  
reserva viva do futuro, por meio  
de um ensino de demissão collectiva  
e de nefasta utopia; o exercito  
sistematicamente corrompido pela  
politica, humilhado em trabalhos  
de baixa politica, enfraquecido pe-  
lo sobrelanço eleitoral, a ponto de  
que os chefes mais respeitados de-  
sapparecem para não serem cumpli-  
ces de um attentado continuo con-  
tra a defeza nacional; a guerra  
social incessantemente prestes a  
rebrantar em episodios sangrentos;  
a anarquia moral precedendo e  
anunciando a anarquia civil e ad-  
ministrativa, cujos prodromos  
são sensíveis por toda a parte...  
Emfim para que prolongar este pa-  
rallelo entre a Republica tal como  
ella funciona, como não poderia  
deixar de funcionar, e a Republica  
tal como a sonharam os melhores  
dos nossos antepassados? "

Em Portugal somos hoje um povo  
medonhamente deseducado pela ine-  
pta pedagogia que nos entoxica des-  
de o principio do seculo  
XIX até aos nossos dias.

O Marquez de Pombal teve a previsão  
d'esta crise quando por occasião da  
expulsão dos jesuitas elle  
procurou explicar que o aniquilamento da  
companhia de Jesus não decapitaria a  
educação nacional porque os eru-  
ditos padres da congregação do  
oratorio vantajosamente substitui-  
ram como educadores os jesuitas  
expulsos.

Com a influencia intellectual dos  
oratorianos, introductores do espirito  
criticante de Port Royal na  
renovação da mentalidade portu-  
guez, condisse realmente o advento  
de um dos mais brilhantes peri-  
odos da nossa erudição.

Vieram porém mais tarde os re-  
volucionarios liberaes de 34, os  
quaes condemnaram, espoliaram e  
baniram os padres da congrega-  
ção do oratorio como Pombal  
espoliara e banira os padres da  
companhia de Jesus.

A obra liberal de 1834—con-  
vem nunca a perder de vista—foi  
inteiramente semelhante á obra re-  
publicana de 1910. Nos homens  
d'essas duas invasões é identico o

espirito de violencia, de anarquis-  
mo e de extorsão. Dá-se todavia  
entre uns e outros uma considera-  
vel diferença de capacidade.

Os novos revolucionarios de  
1910, com excepção honrosa dos  
que não sabem ler, não tiveram  
por decurioses senão os seus pre-  
decessores revolucionarios liberaes  
de 34. E d'ahi para traz—o que  
quer dizer d'ahi para cima—  
nunca abriram um livro com medo  
da infecção clerical, porque todos  
elles acreditam com fetichistico  
ardor que o clericalismo é o inimigo,  
segundo a formula celebre com  
o príncipe de Bismark conseguiu  
suggestionar Gambetta para ir-  
remediavel desmembramento moral da  
França.

Tal a razão por que os raros ho-  
mens de letras, que a nossa repu-

blidade; perante o culto da religião,  
que é a alma ancestral da commu-  
nidade; e perante o culto da ban-  
deira, que é o symbolo da honra e  
da integridade da patria. Em ple-  
no seculo XX muito depois de in-  
teiramente refutada pela moderna  
critica historica a supersticiosa  
lenda da revolução franceza, revo-  
lucionamo-nos nós para o fim de  
abolir todos esses velhos deveres  
e de adoptar como evangelho no-  
vo a estafada, ensanguentada e  
a enlameada *declaração dos direi-  
tos do homem*, como se á fragil e  
ephemera creatura humana fosse  
licito invocar qualquer especie de  
direitos perante as leis inexora-  
veis e eternas que implacavelmen-  
te regem toda a ordem universal!  
E para o fim de pormos em plena  
evidencia essa illusão rhetorica  
aclamamos uma sexta republica

dogma democratico da liberdade,  
da egualdade e da fraternidade  
humana. A lição final da guerra  
será na humanidade assim como é  
na natureza o simples triumpho  
do que pode mais sobre o que po-  
de menos.

Não nos precipitemos a amaldi-  
goar a brutalidade de um tal des-  
tino emquanto não reflectirmos no  
que é realmente a força e de que  
natureza são os tão complexos ele-  
mentos integrados n'esse phenome-  
no global.

De quantos vicios e de quantas  
farroncas se compõe uma fraqueza?  
De quantas virtudes ignoradas  
e reconditas se constitue uma força  
humana?

Bem exiguo, bem fragil, bem  
desacompanhado e desconhecido  
do mundo era o pequeno Portugal  
que no espaço de cem annos, en-  
tre o seculo XV e o seculo XVI,  
se assenhoreou no globo de um im-  
perio territorial e maritimo, consi-  
deravelmente superior áquelle a  
que aspira a hegemonia germanica  
nos nossos dias.

A' ponta da espada Portugal  
submetteu nada menos de trinta e  
tres reinos a que dictou a lei e que  
tornou tributarios do seu sobera-  
no; dilatou o dominio portuguez  
ás mais vastas regiões da Africa,  
da Asia e da America, deixando  
ainda aos seus missionarios e aos  
seus portadores de civilização atra-  
vez do mundo o tempo e a sereni-  
dade precisa para concomitante-  
mente escreverem doze gramaticas  
e dezeseite dictionarios de linguas  
orientaes, além de muitas dezenas  
de obras diversas, por meio dos  
quaes, antes de mais ninguém, elle  
ensinou á Europa a geographia  
phisica e a geographia politica do  
Oriente e da Africa.

Porquê? Porque pelas virtudes  
guerreiras dos seus navegadores e  
dos seus soldados, pelo saber dos  
seus letrados e dos seus monges,  
pela disciplina do seu povo, pelo  
exemplo dos seus Reis nos campos  
de batalha, a Portugal coube en-  
tão o privilegio d'esse direito que  
tanto nos confrange quando exerci-  
do pelos outros—o direito da  
força.

Defenda-nos Deus por sua mise-  
ricórdia da hora do perigo nacional  
em que tenhamos de perguntar on-  
de estão os descendentes e os re-  
presentantes dos antigos homens  
de Ourique, de Aljubarrota, de  
Ceuta e de Diu.

Bem sei que n'esse transe o  
actual chefe do Estado será bas-  
tante competente para desembar-  
nar a sua espada de guerra e de  
justiça, abotoar a sua sobrecasaca  
de comparecer, e proclamar ás tropas  
que atravez da batalha, no cam-  
inho do dever e da honra, ellas  
sigam os oitos reflexos do seu ma-  
vorcio e reluzente chapen alto.

Presumo que S. Ex.<sup>ª</sup> é tão edoso  
como eu. Creio porém que esta cir-  
cunstancia em nada alterará o bel-  
lo gesto patriótico que confidada-  
mente espero do seu valor. Quan-  
do a Patria chama ás armas os  
seus filhos que importa a idade!  
Não são os mais ou menos breves  
dias que cada um tem para existir  
o que a Patria nos requer, é sim-  
plesmente a vida, a vida do indi-  
viduo, que é da nação que o creou,  
assim como a seiva da arvore é da  
terra em que vive.

Os cabelos brancos—ruços, co-  
mo diz Azurara—eram todos os



blica conseguiu mobilizar dia a dia  
se desagregam da hoste refugian-  
do-se no anachoretismo phylosophico,  
enojados da crassa ignorancia  
dos sarrafações a que o regim-  
en os emparelhou. Como Nietzsche  
perante a grosseira petulancia  
da Alemanha depois da hege-  
monia que lhe conferiu a victoria  
de 1870, os desiludidos da Repu-  
blica Portuguesa appetecem, como  
requeria Nietzsche, que se criem  
novos eremitérios onde os homens  
que pensam se enclausurem e se  
separem para todo o sempre dos  
homens que governam.

Atolados ha mais de um seculo  
no mais funesto dos illogismos po-  
líticos, esquecemo-nos de que a  
unidade nacional, a harmonia, a  
paz, a felicidade e a força de um  
povo não tem por base senão o  
rigoroso e exacto cumprimento col-  
lectivo dos deveres do cidadão pe-  
rante a inviolabilidade sagrada da  
familia, que é a cellula da socie-

ção paterno, desandando e retro-  
cedendo da ordem ascendente e lo-  
gica de toda a evolução social,  
principiando por substituir o inter-  
resse da patria pelo interesse do  
partido, depois o interesse do par-  
tido pelo interesse do grupo e por  
fim o interesse individual de cada  
um. E' a marcha da dissolução,  
marcha rapidissima para o aniqui-  
lamento porque é inteiramente ap-  
plicavel á vida social a lei biologica  
de que toda a decomposição orga-  
nica dá origem a seres parasitarios  
cuja funcção é acelerar e comple-  
tar a decomposição.

Escrevo estas linhas em face da  
mais pavorosa onda de sangue e  
de lagrimas que parece encapelar-  
se das profundidades do desconhe-  
cido para subverter o mundo. Pe-  
rante um tão descomunal conflicto  
de violencia e de força parece-me  
indubitavel que o desfecho da actual  
conflagração europea não poderá  
ser senão a refutação absoluta do



chefes militares da expedição de Ceuta. No conselho que D. João I reuniu em Torres Vedras para expor o seu plano de conquista, João Gomes da Silva, notando que todas as cabeças eram brancas, exclamou: *Quando eu, Senhor, não sei a! que diga senão — ruços alem!* O que equivalia dizer: *Avante os velhos!*

E foi com esse entusiástico grito de guerra que se levantou o conselho.

Mais tarde, quando no Porto o infante D. Henrique recebia os contingentes da expedição, os batalhões dos besteiros com os seus anadeis, as levas dos concelhos e as mesnadas dos fidalgos, apresentou-se-lhe á frente dos seus homens, o meu conterrâneo Ayres Gonçalves de Figueiredo, que então contava noventa annos de idade, e vestia as armas de ponto em branco, lança em punho, cota resplandecente ao sol, pluma de elmo ondulando ao vento.

Notando o Infante a desproporção entre o cansaço dos seus dias e o esforço do seu animo, Ayles Gonçalves respondeu:

—Sei bem que estou mais para morrer que para batalhar, mas fui companheiro d'armas de El-Rei vosso pae, e as exequias que para mim mais desejo são as de ter acabado combatendo ao seu lado.

Assim se passavam as coisas no tempo em que havia reis e vassallos, ricos homens, cavalleiros, piões e besteiros, prelados e monges, mosteiros e solares, estradas com cruzeiros e igrejas com santos.

Não calculo bem como em analogia contingencia as coisas passariam hoje como passarão amanhã sob a égide de um governo aprofundado, em companhia dos seus senadores, dos seus deputados, dos seus pedreiros livres e da sua formiga branca.

E com esta incerteza me recolho ao meu buraco — *in angello cum libello*. Adens, meu amigo. Lembrem-me affectuosamente a todos os seus esforçados companheiros de lucta, e a todos comunique o estreito e comovido abraço que lhe envia o seu dedicado confrade.

Cascaes, 7 de Setembro de 1914

Ramalho Ortigão.

## Reparos...

Pouca vergonha!...

A todas as horas cresce a dificuldade de viver. Não há escrúpulo, não há moral nem humanidade. A miséria é cada vez mais intensa e, á medida que ela cresce desce o caracter, multiplicam-se as fortunas, o luxo perverte as almas, o prazer esmaga as consciências.

Apezar de tanta miséria, e o «amor do próximo» ser uma virtude... de trazer por dentro, muito íntima, os teatros enchem-se e os cinematógrafos são mais frequentados por todas as classes.

Burguezes e operários batem palmas, e as mulheres copiam os figurinos das artistas da Arte do Silêncio; todos, enfim, gastam superfluamente aquilo que, sem dúvida, amanhã lhes vai fazer falta. Ninguém se salva da derrocada. Só gosando, só gastando (roubando e explorando) — eis a vida de hoje!

...Pede tudo isso um novo dilúvio! E já tarda...

Novos escandalos!...

E' um nunca acabar, santo Deus! Estamos peores que aqueles que viveram no tempo do Zé do Telhado!

Todos os dias aparecem escandalos!

E cada um, que é de tremer! Isto assim, como vai, não tem cura possível. Agora coube a vez aos selos comemorativos da via-aérea. A sua emissão, que de direito pertencia á Casa da Moeda,

foi, diz a *Imprensa Nova*, «entregue de mão beijada ilegalmente a um sindicato, sendo a negociata demais a mais, segundo nos consta, concedida a um estrangeiro!»

Como tudo isto caminha! E o povo continua a brincar, a rir e a bailar!...

O Parlamento...

Nesta casa, há muito falada como a melhor de todas no género de diversão, deu-se há poucos dias uma violenta scena entre criaturas que se prezam de republicanas...

Jogou-se o sóco como em qualquer circo de variedades, e, segundo se diz em Lisboa, os adversários são tezos... e de poder...

Isto, sim, isto é bem melhor que reclamar... pelas vias competentes, como é costume dizer-se entre militares.

Falperra...

Final quem poz o país neste estado foram os homens da Falperra de manto e corôa.

A republica, pelo contrario, tem saído dignificada de todos os escandalos ou roubalheiras que funcionarios venais, tenham praticado, porque é a propria republica que os denuncia e castiga... de tal forma, que ficam todos exercendo os mesmos cargos e gosando a mais ampla liberdade e regalias, afora a protecção das camadas superiores.

Depois a nossa prosa enoja-os... porque lhes põmos o d'êdo na ferida.

Mas os castigos aos tais funcionarios venais... são de cabo de esquadra. Transportes Marítimos, Carimbo Magico, Furness, Depósito de Fardamentos, etc. tudo se castigou... embora até hoje se não saiba ainda quem foram os castigados.

Os da Falperra de manto e corôa é que eram uns imoraldes, tão imoraldes que com o seu esforço épico conseguiram consolidar a nossa independencia e descobrir novos mundos. A republica, sim, é o regimen da moralidade, de tanta moralidade mesmo, que não foi capaz de efectivar em tempo competente a construcção do Pavilhão Portuguez na Exposição do Rio de Janeiro.

19 de Outubro

O Tribunal Militar Especial está procedendo ao julgamento dos tripulantes da *camionette fantasma*.

O depoimento da viuva do malogrado Carlos da Maia, contra os assassinos de seu marido, sintetizou bem o depoimento de toda a Nação contra os assassinos da Patria.

Dente de ouro incarna bem o papel da republica. Cinico como ela, é bem um seu dilecto filho.

Ainda mesmo nos lances mais comovedores, quando todo o tribunal chora, dente de ouro sorri descaradamente das suas vítimas, sem uma sombra de remorso a pesar-lhe na consciencia.

Tal qual como a republica. Em todos os lances difíceis que a Patria atravessa, a republica descaradamente se ri tambem, num riso de deboche, num riso sarcástico só comparavel ao de Nero.

Um e outro nasceram e medraram nas alfurjas, em antros duvidosos. Foram criados pelos mesmos processos, elevados da mesma forma a libertadores. As suas vítimas são, como sempre, apellidos de traidores. Os mandatarios glorificam as execuções, embora finjam contrariá-las.

Fazem parte de um mesmo tódo, e, como tal, todos se confundem.

As tabernas

Chamamos a atenção da autoridade administrativa para uma taberna que há ali para a rua do Espirito Santo, vulgo da Cadeia,

pois nos afirmam pessoas capazes que na dita taberna se pratica toda a casta de scenas vergonhosas sem nenhum respeito pela visinhança.

Mais nos informam que já por mais de uma vez os visinhos fronteiros se vêem na dura necessidade de fecharem as janelas de suas casas para não terem de presenciarem actos da mais criminosa immoralidade.

Estamos convencidos que o digno administrador tomará á sua conta este novo lupanar arvorado em taberna.

## Desaparece a Colegiada?!?!

Com a morte quasi simultanea dos Ex.<sup>mos</sup> Conegos da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira os Senhores Drs. Sanches e Moreira Junior e com a sobrevivencia do ultimo Conego o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alberto de Vasconcelos, cujas altas qualidades de professor e de carácter eu não posso deixar de citar, passa por todos nós os integralistas como que um fortissimo arrepio. A velha Colegiada, á volta da qual rodou durante seculos a vida espiritual de misticismo religioso do grande povo Vimaranesense, cujas qualidades de trabalho, de resistencia ao sofrimento, de abnegação patriótica, teem aguentado a dissolução que atravessa o nosso pobre país, como succede em tantos outros onde o *virus democratico* dos ultimos cento e tantos annos provocou reacções tremendas, nomeadamente na França com a *Action Française* e na Italia com o *Fascismo* e com o *Nacionalismo* hoje aliados, vai desaparecer infalivelmente.

Da grande instituição sustentada pela fé dos Vimaranesenses e em todos os tempos engrandecida pelos poderes dominantes como um magnifico baluarte de fé religiosa que o mesmo é dizer um nucleo de disciplina, de hierarquia e portanto de ordem social, e que embora desviada nos ultimos tempos para fim diverso do da sua origem deu o Liceu Central de Guimarães, resta hoje um montão de ruínas abandonadas onde se instalou, como não podia deixar de ser, a firma *Jordão, Rocha & C.<sup>o</sup>*

E no entanto, quem lêr mesmo brevemente a vastissima cronica de Guimarães, verá que toda a sua extraordinaria vida operaria de seculos passados, para que foi precisa uma grande fé de onde lhe veio a constancia no trabalho, a perseverança incomparavel das classes trabalhadoras dessas épocas, era constantemente avivada no afervorado culto da Senhora da Oliveira, em cujas festas, em cujos suggestivos cortejos religiosos, figuravam com seus andores, com seus cantares, suas danças e seus folguedos, as corporações de artes e officios.

Num futuro mais ou menos proximo, quando se reconhecer que os antigos processos de colonisação que nos fizeram grandes e nos deram uma das maiores civilizações do mundo são os unicos efficazes neste país á selvageria creada pela ambição de politicos sem escrúpulos e ignobilmente ignorantes, a reconstituição da Colegiada de Guimarães impõe-se claramente.

No entanto parece-me que antes de isso o «Gil Vicente» deve lembrar á iniciativa de toda a população do concelho de Guimarães a reorganisação do seu velho patrimonio espiritual e material, espoliado e devastado pela inconsciencia das correntes politicas.

D. José Ferrão.



## PERANTE UM QUADRO DE AUTOR FLAMENGO

*Caíu, pálido, exângue, em meio á Sacra Via.*

*O Cirenéo chegou, e ampara, carinhoso,*

*o lenho funeral, que ao peso oprobrioso*

*verga os ombros carnaís do Filho de Maria.*

*Em roda armas, tumulto, apupos, vozaria.*

*Destaca em céu grisalho o préstito ruidoso.*

*Cresce a plebe iracunda. Ouve-se o lamentoso*

*dos lúgubres clarins prenúncios da agonia.*

*Tremula de pavor, morta de sofrimento,*

*co'os olhos segue a Mãe de longe o exausto Filho.*

*Ele avistou-a; ; Céos! encara-a; ; que momento!...*

*Nos olhos já sem luz raiou celeste brilho.*

*; Feliz, feliz quem tem no extremo desalento*

*um doce olhar de Mãe a alumiar-lhe o trilho!*

JULIO DE CASTILHO.

«Manuelinas» — 2.<sup>a</sup> Edição.

## A Festa 9 de Março

Na Sociedade Martins Sarmendo

Esta benemerita academia realiza todos os anos, no dia 9 de Março, uma festa muito simpática e atraente, uma festa de crianças, por isso mesmo digna do nosso melhor elogio, porque muito bem sabemos que pela instrução e só pela instrução se pode caminhar hoje, nos tempos malfadados de hoje, pela vereda da actividade e para que se possa vencer dignamente, corajosamente.

Ali, os alunos mais distintos vêm o seu esforço e a sua applicação premiados.

O salão nobre estava cheio de professorado primario e cavalleiros da mais alta e elevada posição social.

Presidiu o presidente da Camara, sr. Dr. Alfredo Fernandes.

O sr. Dr. Eduardo d'Almeida, empreendedor e activo presidente da Sociedade M. Sarmento leu com elevado entusiasmo uma brilhantissima alocução, de que passamos a transcrever uns periodos importantes:

«Por muito que se tenha desenvolvido a instrução popular no concelho de Guimarães, não alcançou o seu limite a obra que nos propozemos: muito longe disso. Tenho mesmo para mim assente e seguro de que nunca foi mais necessaria e justificada a nossa existencia.

E porque meço bem as responsabilidades que nos impendem e a grandeza do plano que a nossos olhos se traça, é que eu apelo para V. Ex.<sup>a</sup> como representante da Camara, solicitando-lhe a conjunção de esforços para o bem comum e desde já me atrevo a encarecer-lhe a sua efficaz interferencia para a solução dum assunto que muito seriamente nos preocupa: a criação de um arquivo municipal.

Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, o ainda hoje valiosissimo arquivo da Colegiada foi confiado á nossa guarda e instalou-se nesta casa. Essa instalação é meramente provisória.

Urge amplia-la e converte-la em definitiva.

Amplia-la como?

Amplia-la tomando a Camara a iniciativa de obter no Parlamento ou do Governo a approvação de uma lei ou promulgação de um decreto que destine ao arquivo municipal de Guimarães: os cartórios dos hospitais, confrarias e misericórdias do concelho, na parte desnecessária á sua administração; os cartórios parquiais do concelho; os cartórios

notariais do concelho; os processos crimes, civis e orfanologicos da comarca, dados por findos antes dos ultimos annos.

A Camara concorreria para o arquivo municipal com seu precioso Tombo. Para converter a instalação em definitiva, como seria absolutamente indispensavel, tem de construir-se, porque a não possuímos, uma sala propria, com seu mobiliário, e proceder-se á arrumação, ordenamento e catalogo dos documentos, nomeando-se para esse feito um empregado com habilitações e experiencia á semelhança do que se faz nos organismos congéneres.

Para essa despeza, que não é grande, mas muito superior dos recursos de que possuímos, contribuiriam o Estado, a Camara e esta Sociedade.»

E' este um ponto dos mais importantes do discurso maravilhoso do digno presidente da Sociedade M. S.

E urge fazer-se esta obra de grande alcance. Ali dentro da Sociedade, trabalha-se, tem-se trabalhado, sabe trabalhar-se. E é preciso, já que por esta terra pouco ou nada se tem feito, que de alguma coisa se pense, alguma coisa se faça, de proveitoso, de util, de grande, para que a terra não perca em atraso o que tem lucrado em somas fabulosas de fabulosas fortunas.

O sr. Dr. Alfredo Fernandes prometeu, numa passagem do seu discurso, levar a efeito esta obra, este desejo da Sociedade M. S.

Assim seja, e esperamos que as afirmações que sua Ex.<sup>a</sup> fez se lancem no caminho da efectivação do arquivo municipal, a maior e melhor obra que para já se pôde realizar.

Depois da distribuição dos prémios, falou o sr. General Flores, o sr. Dr. Dias Pinheiro e o sr. Administrador do concelho.

Todos estes cavalleiros enalteceram a festa, o valor de Martins Sarmento e a obra daquela instituição, a mais simpática, a mais nobre e util que adentro dos muros da velha Guimarães sempre trabalha, sem descanso, com afinco, com amor, com acerto, e com o pensamento erguido, acima de todas as paixões, de todas as lutas, de todas as mesquinhasias.

Os nossos louvores é a nossa cooperação a quem assim tão dignamente trabalha pelo bem e pelo valor.

A' Camara o nosso apêlo, certos de que ela saberá prestar á Sociedade todo o seu auxilio, para poder, livre e desafogadamente caminhar pela nossa terra, por Guimarães.





**D. Fernando de Tavares e Tavora**

Esteve ultimamente entre nós, acompanhado de Seu querido irmão o nosso ilustre director sr. D. José Ferrão, aquele nosso prezadissimo Amigo, muito digno Presidente da Junta Municipal da Vila da Feira.

**Conselheiro Barbosa de Mendonça**

Vimos nesta cidade o sr. Conselheiro Antonio Barbosa de Mendonça, de Rande, Felgueiras. Cumprimentamos Sua Ex.ª

**Dr. Antonio Couto**

Tambem esteve entre nós o nosso bom Amigo sr. dr. Antonio Pereira de Magalhães e Couto, do Unhão, concelho de Felgueiras.

Igualmente esteve em Guimarães o sr. dr. José Leal de Faria, digno notário e advogado na visinha comarca de Felgueiras.

**José de Freitas**

Já se encontra em convalescência o nosso querido amigo e honrado negociante da nossa praça, sr. José de Freitas Costa Soares, que uma grave doença reteve no leito durante alguns dias.

Fazemos sinceros votos pelo seu completo restabelecimento.

**Dr. Marcelino Fernandes**

A fim de sofrer uma melindrosa operação, recolheu a um quarto particular da Santa Casa da Misericórdia o novel bacharel e nosso muito bom Amigo sr. dr. Marcelino Mendes Fernandes.

Sabemos que se encontra bem e praza a Deus o vejamos em breve restituído á convivência dos seus amigos, sam os nossos desejos muito sinceros.

**Da Ribalta**

**Aura Abranches na Terra de Gil Vicente**

Conforme previmos, o teatro D. Afonso Henriques encheu-se por completo, nas noites de 9, 10 e 11, de um publico distinto, que soube admirar e tributar aos consagrados artistas que formam a Companhia Aura Abranches, os aplausos a que tiveram jus pela forma correcta como foram desempenhados todos os trabalhos.

Foram 3 noites de verdadeira arte, agradavelmente passadas.

O nosso amigo Luiz do Souto, vimaranense empreendedor e entusiasta, deve sentir-se satisfeito por ter visto coroadado de bom exito o seu esforço e a sua vontade em trazer até nós Companhia tão distinta, dirigida por uma autentica gloria na arte de representar.

Aura Abranches era já um nome consagrado. Mas poucos, muito poucos mesmo, tinham podido admirar os seus trabalhos. Veio a Empresa Luiz do Souto proporcionar tão agradável ensejo.

Programa excelente excelentemente desempenhado.

**Grande Amor** tem passagens de arrebatamento, passagens belas em que bem se pôde admirar o valor do trabalho de Aura e Adelina Abranches e actor Alexandre, outro tanto se podendo dizer da **Magadana arrependida**. Pena foi que Aura tivesse sido acometida de uma ligeira indisposição que a inhibiu de poder brilhar mais no papel a seu cargo.

**O homem da cadeirinha**, ultima da série, agradeceu imenso.

Bem desempenhada, provocou por vezes franca hilaridade, Alexandre de Azevedo, no papel de James, Oscar Soares no de Americo (o homem da cadeirinha) e Adelina Abranches no de Camila (a sogra modelo), houveram-se á altura dos seus méritos, sendo justo tambem salientar os trabalhos de todos os artistas e especialmente o de Fernanda de Sousa, Lida de Almeida, Olavo Barros e José Soares.

Scenarios luxuosos e de bello efeito.

Continue Luiz do Souto a proporcionar ao povo da nossa Terra, espectaculos tão agradaveis e de tão alto valor artistico. Certos estamos de que todas as suas iniciativas terão sempre a coroa-las o melhor exito.

**Gualterianas**

Causou o maior successo a noticia-entrevista publicada no ultimo numero do nosso semanario.

Oxalá alguém tome o encargo da realização da imponente procissão, que constituirá um dos mais belos números das Gualterianas.

Esperamos que assim aconteça para que as festa da cidade sejam abrilhantadas com tão imponente manifestação de Fé.

Continuam com o maior entusiasmo os preparativos para a realização da Marcha Milaneza e Exposição.

**A' sombra da Cruz**

**Alvaro Machado**

Faleceu repentinamente nesta cidade, pelas 7 e meia horas da tarde do último sabado, o sr. Alvaro Machado da Silva Ferreira Oliveira, querido irmão do estimado amanuense da Administração do Concelho, sr. Acácio Guimarães.

O seu funeral, que constituiu uma verdadeira manifestação de pesar por parte de todo o povo de Guimarães, realizou-se na segunda-feira, saindo o préstito funebre da Igreja da Misericórdia, onde se rezaram os responsos de corpo presente.

No Cemitério de Atougua falaram os srs. Jerónimo Sampaio, dr. Antonio Amaral, e um operario da Fabrica de Fiação e Tecidos da Avenida Ieu, em nome dos companheiros da mesma, umas sentidas palavras. Ambos os oradores tiveram palavras de dor e de saudade para aquele que em Vida foi um bom e leal cidadão, e que toda a cidade estimava pelas suas primorosas qualidades de caracter e de coração.

Sentindo a morte do honrado cidadão aqui expressamos a toda a sua Familia as nossas condolencias.

Publicamos a seguir o pequeno discurso lido no Cemitério em nome dos Operarios da Fabrica da Avenida:

Meus Senhores:

«Em nome dos operarios e operarias da Fabrica da Avenida, venho eu prestar a ultima e sincera homenagem de gratidão áquele que em vida foi seu desvelado protector e se chamou Alvaro Machado.

Não é este o momento oportuno, nem propria a ocasião, para que se diga a perda irreparavel que sofreram os operarios e operarias com o desaparecimento de tão preclaro cidadão, a quem a morte sempre cruel e deshumana cortou a existencia no momento em que mais preciosa ela se tornava para todos que careciam da sua generosidade nun-

ca desmentida. Foi pois muito grande a perda sofrida pelos operarios e operarias da Fabrica da Avenida, pois que perderam no saúdoso extinto não um patrão mas sim um protector amantissimo a quem muito estremeciam e adoravam pela rectidão do seu procedimento. Sempre que estes recorriam ao seu coração generoso e humanitario para reclamar Justiça, nunca o seu character magnanimo se recusava a praticar qualquer dessas acções que nobilitam os homens.

E' com os olhos marejados de lágrimas, que exprimem toda a sinceridade, e com o coração dilacerado por uma dôr incomparavel, que se encontram todos os os operarios e operarias que, como eu, veem tambem tributar ao morto querido a derradeira homenagem de saúdosa gratidão.

Meus Senhores:—Se algum valor pode ter a nossa dôr sincera, e de alguma coisa pode valer a nossa saúdade sem fim, a alma do morto querido, a quem venho dar o ultimo adeus, tendo já atravessado as regiões eternas do Infinito, e repousando na mansão dos Justos, poderá avaliar da sinceridade da nossa grande dor e comoção, recebendo as lágrimas de saudade que vertemos sobre o seu ataúde e aceitando as flores de sentimento que venho espargir sobre a ultima morada.»

**Procissão de Passos**

Conforme noticiamos, sairá hoje, pelas 4 e meia da tarde, se o tempo o permitir, a magestosa Procissão de Passos, uma das mais grandiosas manifestações de Fé do nosso povo.

**M. Alves d'Oliveira**

Tem passado incomodado, achando-se retido em casa, o nosso querido Amigo e activo Secretário da nossa Redacção, sr. M. Alves d'Oliveira. Desejando-lhe rapidas melhoras são os votos de todos os seus camaradas e admiradores.

**Cartas Monárquicas**

Recebemos o n.º 5 deste folheto de propaganda, por Alberto Pimenta, com o seguinte:

**SUMÁRIO**

*A Imprensa Monárquica da Província: a sua função, os seus deveres, a sua utilidade.*

Assinam-se na rua das Oliveiras, 75 — Pôrto.

**Círculo Católico**

Amanhã, dia do Glorioso Patriarca S. José, manda o Círculo Católico S. José e S. Dámaso, desta cidade, rezar uma Missa na Paroquial de S. Paio (S. Domingos), pelas 9 horas da manhã, em sufrágio das almas dos sócios falecidos.

No fim do acto religioso será dada a cada pobre, em número de 21, a importancia de 2\$00 escudos.

**No Teatro Gil Vicente**

Veio aí no domingo passado, áquele casa de espectaculos, um professor estrangeiro de nome esquisito, que fazia coisas esquisitas mas muito interessantes e muito dignas de observação, a mais cuidada e a mais atenciosa.

Aconteceu porém que a plateia do Gil Vicente, naquela noite, atingiu o mais que se pode imaginar em destempêro e barulheira. Atrevida, berrante, insupportável, era uma plateia algarazara, barulho, intratavel e inconveniente.

As plateias educam-se. Quando a boa norma de com-

*Nós aqui defendemos principios, e por eles nos batemos, enquanto tivermos uma gota de sangue. Ajudar a restaurar a Patria e Monarquia, com as doutrinas integralistas, é conduzir Portugal ao glorioso caminho do seu engrandecimento e prosperidade.*

postura educada deixa de presidir a certos actos e em certos lances onde estranhos se apresentam com todo o aprumo de correcção, á autoridade compete, pelo seu prestigio, impor-se de maneira a restabelecer as boas maneiras de estar.

Assim compreendemos. O professor pedia silencio, silencio e compostura para o bom êxito dos seus trabalhos de suggestão e hipnotismo, trabalhos estes de responsabilidade e de dificuldade, e nada, não se atedia, não se fazia silencio.

Disse até não trabalhar. E benzeu-se, até se benzeu, de cima do palco, áquele homem, admirado, pasmado, revoltado, fazendo uma tristissima ideia da tristissima estupidez de muita gente estúpida.

E' fantastico, mas é verdade. Aquele gesto benzedor, de homem bem educado, teve a significação corrente e por vezes nobilissima do gesto nobre das nobres armas de S. Francisco.

Ora tomai lá pinhões. E a culpa?

Em parte, numa grande parte, atribuída á ganhuça dos contratadores, que pespegaram lá para dentro mais gente do que a lotação, o que não deve ser permitido, o que não é pelo menos razoável e justo, e vá de pôr áquele povo, aos cantos, num amontoado incómodo de sardinha premda em canastra.

Quem paga quer comodidades, e comodidades na proporção do dinheiro que dá e do lugar que escolhe.

E' preciso dizer-se isto, para que se evite o abuso para futuro.

Muita gente berrava porque não tinham boas condições de estar; outra gente porque não estava bem; outra porque só estaria bem onde não estivesse.

Ainda outra gentinha abafava, com os espectadores acavalados nas costas, nos hombros, cabeças contra cabeças, pernas contra pernas. Abafava-se. Nem o homem trabalhou como devia, nem a gente apreciou o que devia.

Um frequentador pouco assíduo.

**S. CRISTOVÃO**

Na Lenda e no Sonho

A Lenda é a fantasia do que foi; O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

(Continuação do número anterior)

Em vão Cristovão levantou aos céus os enormes braços, numa súplica desesperada de paz; de balde as longas filas de mulheres, de creanças e de estropiados rompiam a serena calmaria da tarde com gritos lacinantes de misericórdia. O velho misterioso que aliciara o gigante ordenara que se desse batalha aos homens de armas, e, antes que todos se refizessem da surpresa, já as pesadas armaduras de corceis e cavaleiros se amolgavam contra a muralha de ferro das foices, das lanças e dos chuços. Ondas sobre ondas de ferro vinham desfazer-se em preamares de sangue, com um fragôr de Apocalipse, na teimosa resistencia dos «Jacques». E os «Jacques» foram vencidos pela cavalaria dos castelos.

Cristovão acudira pelos miseráveis seus irmãos; enquanto pendeu, sua força de Hercules empregou-a em derrubar cavalos e desarmar cavaleiros. Até que, mortas ou fugidas as legiões de maltrapilhos, contra ele se voltaram as lanças dos guerreiros. O corpo rigido de um cadáver recoberto de pesada armadura lhe serviu de maça com que derrubava as filas cerradas dos assaltantes e o seu aspecto era o de um grande demónio de fôgo, tão horrenda era a sua figura e tão certos os seus golpes. Por fim, cedendo á fadiga e ás profundas lançadas recebidas, seu grande corpo tombou contra uma colina como uma enorme torre que desaba, enquanto ao longe, junto á lagôa, os restos mal feridos da cavalaria feudal se juntavam ao som de businas de guerra. A extensa planície era agora uma grande ceára derrubada por foices gigantes; montões de mortos alastravam de sangue e de sangue se enchiam as fundas pégadas dos cavalos.

Para as bandas do mar e do condado da Ocifania o sól morria envolto num largo lençol de púrpura, e tudo era vermelho naquella tarde de tragica agonia.

(Continua)

**Lêde e propagai o "Gil Vicente,"**

**Vinhos, Licores, Aguas Minerais, Produtos alimentícios de marca, Farmaceuticos e Perfumarias**

Casa em Lisboa e Pôrto, dispondo de largos meios de propaganda, oferece-se para Depositária Geral.

Carta a este jornal.

**FRATERNIDADE**

COMPANHIA DE SEGUROS

Agente em Guimarães:

**Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães**

RUA DE PAIO GALVÃO, 88

**JOÃO RIBEIRO**

ALFAFETE

**Modas e confecções**

Rua 31 de Janelro, 132—GUIMARÃES



# ARTIGOS RELIGIOSOS

IMPORTADOS DIRECTAMENTE DA

## ALLEMANHA E FRANÇA

VENDEM:

**A. D. Marques, Limitada**

RUA DO OURO 200-4.º

**LISBOA**

## A TENTADORA

**Bernardino Almeida & Costa, L.ª**

FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES

CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES

EXPOSIÇÕES PERMANENTES

GUIMARÃES

## A CONFIANÇA

MERCEARIA, CONFEITARIA E PAPELARIA

Especialidade em CHÁ E CAFÉ

VINHOS FINOS, LICORES E CHAMPAGNES

Depositarios das Aguas Bom-Jesus

**Ferreira & Martins, L.ª**

86 -- RUA PAIO GALVÃO -- 88

GUIMARÃES

## Materiais para construção

Deposito de cal, cimento, tintas, vernizes e artigos concernentes para pintor e caiador. A casa que mais barato vende

Amandio Teixeira de Carvalho — RUA DE SAMPAIO

## Cartilha Monarquica

## Cartilha do Operario

PREÇO DE CADA 400 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

## AO PUBLICO

Recomendamos os finissimos licores, xaropes, conhaques, genebras, o finissimo aniz cristalizado e o Ponche integral Dom Nuno fabricados com esmero por Alfredo de Oliveira

Vila da Feira

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao fabricante ou aos seus representantes:

No Porto:

OLIVEIRA & MACHADO

R. de Passos Manuel, 71

— E A —

PEROLA DO BOLHÃO

Rua Formosa

Em Espinho:

CADILON & C.ª L.ª

181, Avenida, 8, 203

Na Beira Baixa:

JOSÉ VICENTE

ALFERRAREDE

## LEIAM A Nação Portuguesa

REVISTA MENSAL DE CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e administração:

Largo do Directorio, 8 - 3.º — LISBOA

## GIL VICENTE

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

Portugal

Ano . . . . .	3000 reis
Espania . . . . .	9500 >
Africa . . . . .	10500 >
Brazil . . . . .	12500 >
Numero avulso . . . . .	150 >

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha . . .	200 reis
Repetições, por linha . . . . .	100 >
Permanentes, contracto convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um . . . . .	1500 >
Anunciam-se as publicações que o mereçam,	
mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinan-	
tes, 20 por cento de abatimento.	

## GIL VICENTE

Ano IV N.º 130

2.ª Série N. 7

Ex. Sr.